

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Responda às questões 21 a 23 com base no texto a seguir:

A língua maltratada

Como castigam nosso pobre português!

É impressionante como as pessoas falam e escrevem de maneira errada. O bom português até já foi tema de campanha publicitária do McDonald's.

Presenciar punhaladas na língua não me assusta tanto. Fico de cabelo em pé ao perceber que as pessoas acham feio falar corretamente. Se alguém usa uma palavra diferente, numa roda de amigos, acaba ouvindo: - Hoje você está gastando, hein? Vira motivo de piada.

O personagem que fala certinho é sempre o chato nos programas humorísticos. Mesmo em uma cidade como São Paulo, onde a concorrência profissional é enorme, ninguém parece preocupado em corrigir erros de linguagem. Incluem-se aí profissionais de nível universitário.

Um dos maiores crimes é cometido contra o verbo haver. Raramente alguém coloca o H. Mesmo em jornais, costume ler: "Não se sabe a quanto tempo...".

Outro dia, estava assistindo ao trailer de Medidas Extremas. Lá pelas tantas, surge a legenda: "Vou privini-lo". O verbo é prevenir.

No filme Asas do Amor, também não falta uma preciosidade. Diz-se que um personagem é 'mal'. O certo é 'mau'. Só o demônio é a encarnação do mal, do ponto de vista da gramática. Legendas de filme não deveriam sofrer um cuidado extra? Para se defender, o responsável pelas frases tortas é bem capaz de dizer: - Deu para entender, não deu?

Errar, tudo bem. O problema é deixar o erro seguir em frente. Mesmo um texto correto corre riscos. Quem lê muitas vezes nem sequer presta atenção. Nunca vou esquecer o que aconteceu numa novela de época. A história se passava durante a Abolição da Escravatura. Lá pelas tantas, o vilão dizia: - Chutei o balde! Mas o ator interpretou, de boca cheia: - Chutei o pau da barraca!

Foi ao ar. Vários jornais fizeram piada. Como usar essa expressão no século passado? O sapo ficou para o autor. Novelas de televisão, aliás, tornaram-se um festival de arrasa língua. Nenhum jovem diz: - Eu o vi. Todos preferem: - Eu vi ele.

Existe um argumento para justificar essa forma de falar. É a necessidade de manter uma linguagem coloquial. Em teatro e televisão, é

importante. Os atores devem falar como os personagens que interpretam. Ninguém pode esperar que uma quituteira baiana, por exemplo, use 'deixe-a' ou 'ofereço-lhe', como faria uma mestra da literatura.

Mas há limites. É uma experiência que vivo na carne, assim como outros autores que conheço. Para manter o tom coloquial sem massacrar a língua, passo horas buscando alternativas. Por exemplo: - Ontem eu vi a menina. Só para não cair no hediondo 'eu vi ela'. Adianta? Para se sentir à vontade, certos atores crivam o diálogo de horrores. Seria injustiça falar apenas de atores. Há memorandos internos de executivos de arrepiar. Já tive uma secretária incapaz de soletrar o nome correto de alguns conhecidos. 'Alcides', ela escrevia como 'Aucides'.

Esfaqueiam as palavras até para expressar carinho. Casais chamam o cônjuge de 'mô'. Amigos se tratam de 'mermão'. Gente descolada emprega termos ingleses a torto e a direito. Um amigo me disse: - Encontrei com ela na night. Era uma maneira de dizer que se cruzaram na noite paulistana. E por aí vai. 'Up to date', 'fashion' e uma infinidade de termos tornaram-se essenciais no vocabulário. Ninguém sabe exatamente o que significam, como gíria. As pessoas usam a torto e a direito para dar a impressão de refinamento.

Muita gente passa o dia malhando na academia. Outros conhecem vinhos. Existem gourmets capazes de identificar um raro tempero na primeira garfada. Analistas econômicos são capazes de analisar todas as bolsas do universo. Boa parte acha normal atropelar o português. Descaso com a língua é desprezo em relação à cultura. Será que um dia essa mentalidade vai mudar?

(CARRASCO, Walcyr. Veja, 22/04/98, p. 106.).

21. Analisando a discussão levantada sobre a língua pelo escritor Walcyr Carrasco, à luz das recentes pesquisas na área da linguística, assinale a única alternativa **incorreta**:

a) O autor revela um saber atualizado sobre os fatores internos à língua que condicionam a variação.

b) O autor apresenta uma visão desatualizada a respeito do erro.

- c) O autor revela certa noção de variação no eixo diacrônico.
- d) O autor tem uma percepção estruturalista.
- e) O autor revela uma visão preconceituosa, predominante na classe social dita “cultura”.

22. Analise as proposições que seguem quanto à sua coerência em relação às ideias defendidas no texto “A língua maltratada”.

() Percebe-se uma incompatibilidade entre a posição do autor que aspira à cristalização de um padrão para a língua e ao mesmo tempo possui uma consciência de que a língua não é inerte.

() O texto apresenta uma visão nitidamente preconceituosa que defende um padrão superior em detrimento de qualquer outro que esteja em desacordo com as regras da língua padrão.

() Walcyr Carrasco admite que a preciosidade linguística não causa estranhamento entre os interlocutores.

A alternativa que completa corretamente a sequência, de cima para baixo, é:

- a) F, V, V
- b) V, V, V
- c) V, F, V
- d) V, V, F
- e) F, F, V

23. Assinale a alternativa **incorreta**:

a) Diferente do posicionamento centrado nas regras prescritas pela gramática, apresentado no texto “A língua maltratada”, compete ao professor de português realizar atividades de leitura e escrita sem desautorizar a variante linguística do aluno.

b) A prática docente que segue os pressupostos teóricos defendidos no texto de Walcyr Carrasco reconhece que o aluno tem domínio linguístico da língua escrita e trabalha com os fatos da língua a partir da produção efetiva do aluno.

c) Espera-se que o professor de português saiba lidar com os ditos “erros” dos alunos por compreender que as variações linguísticas são condicionadas por fatores internos à língua, ou por fatores sociais, ou por ambos.

d) Desenvolver atividades pedagógicas que conduzam o aluno a um desenvolvimento crítico e reflexivo sobre a língua, enfocando que a variação está relacionada a aspectos sociais, contribuirá para a desconstrução do conceito de cultura presente no texto em questão.

e) No texto, o autor Walcyr Carrasco apresenta uma discussão desencadeada pelos chamados “erros”; em contrapartida, o docente que está atualizado com as recentes pesquisas na área da linguística sabe que, na prática escolar, os alunos acertam mais do que erram.

Responda às questões 24 e 25 com base no texto a seguir:

PAPOS

- Me disseram...
- Disseram-me.
- O correto é "disseram-me". Não "me disseram".
- Eu falo como eu quero. E te digo mais... Ou é "digo-te"?
- O quê?
- Digo-te que você...
- O "te" e o "você" não combinam.
- Lhe digo?
- Também não. O que você ia me dizer?
- Que você está sendo grosseiro, pedante e chato.

[...]

- Pois esqueça-o e pára-te. Pronome no lugar certo é elitismo.
- Se você prefere falar errado.
- Falo como todo o mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
- No caso... não sei.
- Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como "esquece"? Você prefere falar errado? E o certo é "esquece" ou "esqueça"?
- Ilumine-me. Me diga. Ensine-lo-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.
- Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
- Agradeço-lhe a permissão para falar errado que me dá. Mas não posso mais dizer-lo-te o

que dizer-te-ia.

- Por quê?

- Porque, com todo este papo, esqueci-lo.

(Luís Fernando Veríssimo)

24. O texto de Luís Fernando Veríssimo abre uma ampla e atual discussão sobre a questão do preconceito linguístico. Relacionando o texto “Papos” com as discussões teóricas e propostas pedagógicas defendidas por Marcos Bagno, a única alternativa **incompatível** é:

a) Mesmo na língua dos “escolarizados”, essas construções pronominais regidas pela gramática tradicional aparecem como recurso estilístico em situações formais, quando o falante quer deixar claro que domina as regras impostas pela gramática.

b) Não constitui uma prática docente adequada apontar para os erros gramaticais a partir da gramática normativa como único instrumento válido para analisar os fenômenos da língua.

c) Diferença não é deficiência; é preciso entender o uso do pronome, conforme abordado no texto, como uma reorganização do sistema pronominal que atende às necessidades linguísticas das comunidades que o usam.

d) É preciso viabilizar que os alunos tenham acesso a outros modos de falar e escrever para que não fiquem encerrados em sua própria variedade linguística, cabendo ao professor apresentar uma proposta grafocêntrica.

e) Antes de empreender qualquer trabalho pedagógico, é importante reconhecer e conhecer a realidade sociolinguística do público-alvo, para que se possa, a partir dela, ampliar a competência comunicativa do aluno.

25. Ao desenvolver uma atividade com o texto “Papos” na aula de português, o docente que acompanha o desenvolvimento epistemológico no campo linguístico conduzirá uma abordagem que:

a) Mostre que o emprego incorreto dos pronomes resulta na agramaticalidade da expressão oral.

b) Imponha ao aluno o uso, na língua falada, de formas pronominais de prestígio vinculadas à escrita literária.

c) Desautorize qualquer manifestação linguística que não possa ser explicada a partir das normas gramaticais tradicionais.

d) Discuta, a partir do texto, o uso dos pronomes para destacar a superioridade da fala ideal sobre a fala usual.

e) Reconheça a gramaticalidade presente no texto e, ao mesmo tempo, amplie o repertório linguístico do aluno.

26. De acordo com Luiz Antônio Marcuschi: “Hoje são várias as tendências dos estudos que se ocupam das relações entre fala e escrita”. **(Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2008, p. 26).

Relacione as tendências às respectivas maneiras de postular fala e escrita:

1 - A perspectiva das dicotomias

2 - A tendência fenomenológica de caráter culturalista

3 - A perspectiva variacionista

4 - A perspectiva sociointeracionista

() observa variedades linguísticas distintas, sem fazer distinção entre fala e escrita.

() concebe a fala como lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua.

() trata das relações entre fala e escrita dentro de uma perspectiva dialógica.

() enfatiza a natureza prática da oralidade *versus* escrita.

A alternativa que completa corretamente a sequência é:

a) 3 - 4 - 1 - 2

b) 3 - 1 - 2 - 4

c) 3 - 1 - 4 - 2

d) 2 - 1 - 4 - 3

e) 2 - 4 - 3 - 1

27. Na perspectiva de Magda Soares (2000), há um conflito entre a linguagem e a escola que só pode ser compreendido numa perspectiva social, que analisa as relações de força materiais e simbólicas.

Analise as proposições que seguem quanto à sua veracidade, conforme as ideias defendidas pela autora:

- () O déficit linguístico é fruto do contexto linguístico e interfere na aprendizagem da língua.
- () É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre os grupos sociais, gerando discriminações e interferindo na aquisição do saber.
- () A linguagem das camadas populares, quando censurada e estigmatizada, contribui para o fracasso escolar.

A alternativa que completa corretamente a sequência é:

- a) F, F, V
- b) F, V, V
- c) F, F, F
- d) V, V, V
- e) V, F, F

Responda às questões 28 e 29 com base no texto a seguir:

Cadê os plural?

É só impressão minha, ou está cada vez mais difícil ouvir plurais ortodoxos? Aqueles de antigamente, arrematados com um "s" - plurais tradicionais, quatrocentões?

Os plurais agora estão cada vez mais enrustidos, dissimulados, problemáticos. Cada vez menos plurais são assumidos. Os plurais agora precisam ser subentendidos.

Verdade seja dita: não somos os únicos no mundo a ter problemas com a maldita letra "s" no final das palavras. Os franceses, debaixo de toda aquela empáfia, há séculos desistiram de pronunciar o "s" dos plurais. No francês oral, o plural é indicado pelo artigo, e pronto. Ou seja: eles falam "as mina" e "os mano" desde que foram promovidos de gauleses a guardiães da cultura e da civilização.

Os italianos também não podem com a letra "s" no fim das palavras. Fazem seus plurais em "i" e em "e", dependendo do sexo, ops, do gênero das palavras. Quando a palavra é estrangeira, entretanto, eles simplesmente desistem de falar no plural: decretaram que termos forasteiros são invariáveis, e

tudo bem. *Una foto, due foto; una caipirinha, quattro caipirinha. Quattro caipirinha? Hic! Zuzo bem!*

Os alemães, metódicos que só, reservam o "s" justamente a esses vocábulos estrangeiros que os italianos permitem que andem por aí sem plural. Com as palavras do seu próprio idioma, no entanto, os alemães são implacáveis. As palavras mais sortudas ganham apenas um "e" no final, mas as outras são flexionadas com requintes de tortura - com "n" (!) ou com "r" (!!), às vezes em conjunto com um trema (!!!) numa vogal da penúltima sílaba (!!!!), só para infernizar a vida dos alunos do Instituto Goethe ao redor do planeta.

Práticos são os indonésios, que formam o plural simplesmente duplicando o singular: *gado-gado, padang-padang, ylang-ylang*. Pelo menos foi isso que eu li uma vez. (Claro que não chequei a informação. Eu detestaria descobrir que isso não é verdade.) Já pensou se a moda pega aqui, feito aquele pavoroso cigarro de cravo? Os mano-mano. As mina-mina. Um chopps e dois pastel-pastel.

Nem mesmo nossos primos de fala espanhola escapam da síndrome dos comedores de plural. Os andaluzes e praticamente todos os latino-americanos também não são muito chegados a um "s" final. Em vez do "s" ríspido e perigosamente carregado de saliva dos madrilenhos (que chamam quase tanto quanto os portugueses), eles transformaram o plural num acontecimento sutil, perceptível apenas por ouvidos treinados. Em Sevilha, Buenos Aires ou em Santo Domingo, o "s" vira um "h" aspirado - *lah cosah, lah personah, loh pluraleh*.

Entre nós, contudo, a mutilação do plural não tem nada a ver com sotaques ou incapacidade de pronunciar fonemas. Aqui em São Paulo, a falta de "s" é um fenômeno sociocultural. Os pobres não falam no plural por falta de cultura. Da classe média para cima, deixamos o plural de lado quando há excesso de intimidade. É como se o plural fosse algo opcional, como escolher entre "você" e "o senhor". Se a situação exige, você vai lá e aperta a tecla PLURAL. Se a conversa for entre amigos, basta desligar, e os esses desaparecem em algum ponto entre o cérebro e a boca.

O que se deve fazer? Uma grande campanha educativa, com celebridades

declarando que é chique falar os plurais? Lançar pagodes e canções sertanejas falando da dor-de-cotovelo causada por não usar "s" no final das palavras? Ou contratar um grupo de artistas alternativos para sair pichando nos muros por aí uma mensagem subversiva? Tipo assim: OS MANOS E AS MINAS.

(Ricardo Freire)

Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT913064-2845,00.html>> Acesso em: 10 mar. 2009.

28. Assinale a única proposição **equivocada** a respeito das ideias defendidas pelo autor do texto “Cadê os plural?”:

- a) O autor mantém um enfoque no registro oral e não se inclui no contexto como falante que pertence a uma cultura de prestígio.
- b) O autor aponta para o fato de que, independente das diferenças que as línguas apresentem entre si, dentro de cada sistema linguístico há uma tendência que é comum em todas elas.
- c) O autor admite que os sujeitos envolvidos na enunciação são capazes de suprir, durante a comunicação, determinados morfemas omitidos, sem comprometer a interação linguística.
- d) O autor reconhece que os falantes de uma determinada língua encontram outras maneiras de recuperar as marcas de pluralidade, paralelas aos “plurais ortodoxos”.
- e) Em contraste com outros grupos linguísticos, os alemães são mais rigorosos no uso da língua, demonstrando uma atitude conservadora.

29. Assinale a única alternativa cujos subsídios teóricos de Magda Soares (**Linguagem e escola - uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 2000.) não sejam elucidativos para explicar questões problematizadas pelo autor do texto “Cadê os plural?”:

- a) “As atitudes que estigmatizam os dialetos não-padrão são, na verdade, atitudes em relação às condições sociais dos que os utilizam, e têm origem na estrutura social que separa, de forma discriminativa, grupos de indivíduos em classes...” (p.49).
- b) “Os padrões culturais das classes dominadas são considerados como uma ‘subcultura’ avaliada em comparação com a cultura dominante, isto é, com padrões idealizados de cultura, que constituem a

cultura dos grupos sociais economicamente mais privilegiados.” (p.15).

c) “O insucesso da educação compensatória deve ser atribuído ao fato de ela ser planejada com base em falhas atribuídas à criança, quando, na verdade, as falhas estariam não nela, mas na própria escola, que repudia os estilos cognitivos e lingüísticos das crianças das camadas populares.”(p.35).

d) “Para a teoria das diferenças lingüísticas, há apenas um conflito funcional entre dialetos não-padrão e dialeto-padrão; as variedades lingüísticas têm o mesmo valor como sistemas estruturados e coerentes, mas, da perspectiva social, uma variedade é mais aceita que as demais – o dialeto-padrão ou o dialeto de prestígio. Em outras palavras, os dialetos são estruturalmente equivalentes, mas funcionalmente conflitivos.” (p.48).

e) “Embora um grupo de pessoas que utilizam a mesma língua constitua uma comunidade lingüística, isto não significa que essa língua seja homogênea e uniforme. A diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade lingüística resulta em um correspondente processo de diferenciação lingüística que pode dar-se nos níveis fonológico, léxico e gramatical.”(p.40).

30. Voltado para a análise do papel da linguagem na estrutura social, Bourdieu considera as condições sociais concretas de instauração da comunicação como fator essencial e determinante no uso da linguagem e explica os problemas que ocorrem nas situações de interação verbal a partir do que chamou de:

- a) Diferenças culturais e linguísticas.
- b) Desigualdades linguísticas.
- c) Economia das trocas linguísticas.
- d) Deficiência cultural e linguística.
- e) Bidialetismo funcional.

31. Com base nas contribuições epistemológicas de Magda Soares (2000), analise as proposições que seguem e assinale aquela que **não** está de acordo com o que as pesquisas antropológicas e sociológicas têm revelado acerca das línguas:

a) Existem línguas que por não terem um sistema de escrita não podem exercer a mesma variedade de funções que as que tem um sistema de escrita sofisticado.

b) Todas as línguas são adequadas às necessidades e características para as quais servem.

c) Há línguas que são funcionalmente mais desenvolvidas que outras.

d) Há línguas mais complexas e mais lógicas dependendo da cultura a que servem.

e) Há línguas que têm um léxico mais limitado para determinadas áreas, conforme revela o estudo das línguas de diferentes culturas.

32. Na perspectiva da “Economia das trocas lingüísticas” de Bourdieu, o fracasso escolar é atribuído:

a) às diferenças e à opressão.

b) às diferenças.

c) às deficiências.

d) às diferenças e deficiências.

e) à opressão.

33. Referente ao processo de aquisição da linguagem, a única alternativa incompatível com o enfoque gerativista é:

a) Existem leis gerais válidas para todas as línguas naturais, e parâmetros ou propriedades responsáveis pela diferença entre as línguas.

b) Há uma dotação genética que nos capacita a adquirir e usar uma língua de maneira racional, como parte de um sistema complexo e sofisticado.

c) Só os seres humanos são capazes de combinar itens de um conjunto de elementos segundo certos princípios básicos, de modo a gerar um número infinito de sentenças.

d) As línguas naturais estão relacionadas com a racionalidade humana, portanto, a combinação de elementos que formam sentenças não é aleatória.

e) O aspecto criativo da linguagem é parte intrínseca da natureza humana e, quando nos comunicamos, combinamos elementos de uma gramática internalizada que nos permite empregar as normas com rigidez.

Responda à questão 34 com base no poema a seguir:

O capoeira

- Qué apanhá sordado?

- O qué?

- Qué apanha?

Pernas e cabeças na calçada

(Oswald de Andrade)

34. A alternativa que apresenta uma abordagem apropriada para desenvolver uma atividade pedagógica a partir do poema “O capoeira”, em uma aula de língua portuguesa, é:

a) Apontar para a ausência da fluência discursiva como resultado da oralidade.

b) Enfocar o caráter caótico da oralidade, conforme apresentado no poema.

c) Explicar que a fragmentação do texto se deve ao caráter impreciso da fala.

d) Salientar que a desconcatenação do texto se deve à sua natureza.

e) Propor uma atividade de retextualização.

35. Em *Literatura e Sociedade*, Antonio Cândido (2000) concebe a arte, e portanto a literatura, como um sistema simbólico de comunicação inter-humana que compreende três elementos: o autor, a obra e o público. Assinale a afirmativa que **não** corresponde às ideias do autor:

a) A arte pressupõe a existência de três elementos da criação: o autor, a obra e o público. Esses elementos, por sua vez, não possuem relação de interdependência, podendo ser analisados isoladamente.

b) O escritor não é apenas o indivíduo capaz de expressar a sua originalidade, mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores e auditores.

c) A obra é algo dinâmico que esculpe na sociedade as suas esferas de influência, cria o seu público, modificando o comportamento dos grupos e definindo relações entre os homens.

d) O público se configura pela existência e natureza dos meios de comunicação, pela formação de uma opinião literária e a diferenciação de setores mais restritos que tendem à liderança de gostos: as elites.

e) No Brasil, a orientação da literatura dependeu em parte dos públicos disponíveis nas várias fases, começando pelos catecúmenos. Por aproximadamente dois séculos, os públicos normais da literatura foram os auditórios – de igreja, academia, comemoração.

36. Antonio Candido (2000) afirma terem existido dois momentos decisivos na literatura brasileira, que mudaram os rumos e vitalizaram toda a inteligência. Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram no exemplo europeu. Assinale a alternativa que apresenta esses dois momentos e a respectiva justificativa:

a) O *Arcadismo*, que se caracterizou pela valorização da vida simples do campo, considerado uma espécie de paraíso perdido, em contraposição ao dinamismo das cidades e aos tormentos impostos pelo progresso, e o *Modernismo* que, recebendo influências das vanguardas europeias, caracterizou-se pela renovação, pela incorporação das conquistas do progresso.

b) O *Realismo*, que se despiu do véu da idealização romântica e assumiu uma visão crítica da realidade, revelando a sociedade burguesa com toda sua hipocrisia, e o *Pré-modernismo*, que antecedeu as conquistas modernistas com uma postura crítica diante da civilização industrial e uma atitude de denúncia da miséria do mundo rural.

c) O *Romantismo*, que procurou superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, e o *Modernismo*, caracterizado pelo particularismo que se afirmou contra todo academismo das tendências anteriores, trazendo à consciência literária a libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos.

d) O *Romantismo*, marcado pelo surgimento de um novo público leitor, uma vez que, com o aparecimento do romance, a literatura tornou-se mais popular, e o *Pré-Modernismo*, por atribuir à literatura um novo papel social; considerada até então passatempo das elites, a literatura tornou-se instrumento de crítica social.

e) O *Parnasianismo*, com o surgimento de uma nova estética baseada no culto pela forma, utilização de vocabulário incomum e temas da Antiguidade

Clássica, e o *Modernismo*, marcado pela liberdade formal, pela valorização do falar cotidiano, numa busca do que seria a “língua brasileira”.

Responda às questões 37 e 38 com base no texto a seguir:

Aquele carro parara na linha de resguardo, desde a véspera, tinha vindo com o expresso do Rio, e estava lá, no desvio de dentro, na esplanada da estação. Era um vagão comum de passageiros, de primeira, só que mais vistoso, todo novo. A gente reparando, notava as diferenças. Assim repartido em dois, num dos cômodos as janelas sendo de grades, feito as de cadeia, para os presos. A gente sabia que, com pouco, ele ia rodar de volta, atrelado ao expresso daí de baixo, fazendo parte da composição. Ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre. O trem do sertão passava às 12h45m.

As muitas pessoas já estavam de ajuntamento, em beira do carro, para esperar. As pessoas não queriam poder ficar se entristecendo, conversavam, cada um porfiando no falar com sensatez, como sabendo mais do que os outros a prática do acontecer das coisas. Sempre chegava mais povo - o movimento. Aquilo quase no fim da esplanada, ao lado do curral de bois, antes da guarita do guarda-chaves, perto dos empilhados de lenha. Sorôco ia trazer as duas, conforme. A mãe de Sorôco era de idade, com para mais de uns setenta. A filha, ele só tinha aquela. Sorôco era viúvo. Afora essas, não se conhecia dele o parente nenhum.[...]

O Agente da estação apareceu, fardado de amarelo, com o livro de capa preta e as bandeirinhas verde e vermelha debaixo do braço. – “Vai ver se botaram água fresca no carro...” – ele mandou. Depois, o guarda-freios andou mexendo nas mangueiras de engate. Alguém deu aviso: - “Eles vêm!...” Apontavam da Rua de Baixo, onde morava Sorôco. Ele era um homenzão, brutalhudo de corpo, com a cara grande, uma barba fiosa, encardida em amarelo, e uns pés, com alpercatas: as crianças tomavam medo dele; mais da voz, que era quase pouca,

grossa, que em seguida se afinava. Vinham vindo, com o trazer da comitiva.

50 Aí, paravam. A filha – a moça – tinha pegado a cantar, levantando os braços, a cantiga não vigorava certa, nem no tom nem no se-dizer das palavras – o nenhum. A moça punha os olhos no alto, que nem os santos e os espantados, vinha
55 enfeitada de disparates, num aspecto de admiração. Assim com panos e papéis, de diversas cores, uma carapuça em cima dos espantados cabelos, e enfunada em tantas roupas ainda de mais misturas, tiras e
60 faixas, dependuradas – virundangas: matéria de maluco. A velha só estava de preto, com um fichu preto, ela batia com a cabeça nos docementes. Sem tanto que diferentes, elas se assemelhavam. [...]

65 O que os outros se diziam: que Sorôco tinha tido muita paciência. Sendo que não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio. Isso não tinha cura, elas não iam voltar, nunca
70 mais. De antes, Sorôco aguentara de repassar tantas desgraças, de morar com as duas, pelejava. Daí, com os anos, elas pioraram, ele não dava mais conta, teve de chamar ajuda, que foi preciso. Tiveram
75 que olhar em socorro dele, determinar de dar as providências, de mercê. Quem pagava tudo era o Governo, que tinha mandado o carro. Por forma que, por força disso, agora iam remir com as duas,
80 em hospícios. O se seguir.” [...]

(ROSA, Guimarães. Sorôco, sua mãe, sua filha. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2.005.)

37. Com base nesse trecho do conto *Sorôco, sua mãe, sua filha* de Guimarães Rosa, analise as seguintes proposições, colocando V(verdadeiro) ou F (falso):

() O narrador confunde-se com o povo que se agrupa na estação à espera de Sorôco e sua família, assumindo a perspectiva e os sentimentos que todos compartilham, narrando coletivamente.

() O elemento que de fato revela a loucura da moça é o aspecto físico: os cabelos espantados, as roupas multicoloridas, sobrepostas, “virundangas”.

() A população, desde o início do conto, mostra-se solidária com a família de Sorôco, não demonstrando sentimento de rejeição em relação à loucura das mulheres.

() Na opinião do povo, que decidiu encaminhar as mulheres para o hospício, a partida das duas seria um alívio para Sorôco, pois ele tinha muito trabalho com elas.

() O embarque das mulheres no trem representava uma despedida definitiva. Sorôco jamais tornaria a ver a filha e a mãe.

A alternativa que completa corretamente a sequência, de cima para baixo, é:

a) V, F, F, V, V

b) V, V, F, F, V

c) F, V, F, F, V

d) F, F, V, V, F

e) V, V, F, V, V

38. O conto acima mencionado compõe o livro *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa, publicado em 1962. Com relação às características dessa obra, considere as seguintes afirmativas:

I- Com a retomada de arcaísmos, Guimarães Rosa mistura, altera e inventa palavras, transpondo as fronteiras da língua portuguesa padrão ao mesmo tempo em que cria uma linguagem híbrida, recorrendo a reiterações, pleonasmos, superlativos e diminutivos, além de explorar a sonoridade dos vocábulos por meio de aliterações, assonâncias e onomatopeias.

II- Os protagonistas de *Primeiras Estórias* possuem em maior ou menor grau certa clarividência e uma aura de santidade. Vivendo à margem da civilização, alheios à sociedade ou rejeitados por ela, são guiados pelo instinto, o que faz suas palavras e gestos serem mais profundos, transformando-se em símbolos.

III- O cenário dos contos de *Primeiras Estórias* não pode ser identificado, já que não apresenta referências a elementos regionais, ao contrário das obras anteriores de Guimarães Rosa, como *Grande Sertão: Veredas*, em que a ambientação no interior mineiro é revelada na

geografia, no nome dos animais e plantas, nos costumes e na fala do sertanejo.

Quais estão corretas?

- a) Apenas a I.
- b) Apenas I e II.
- c) Apenas a II.
- d) Apenas a III.
- e) Apenas I e III.

39. *O Tempo e o Vento* é considerado um dos principais romances históricos da literatura brasileira. Ambientada na antiga Província de São Pedro, a narrativa conta a saga da família Terra Cambará abrangendo um período de tempo de duzentos anos, de 1745 a 1945. De acordo com os estudos do crítico literário Flávio Loureiro Chaves (1976) sobre a trilogia de Erico Verissimo, julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmativas:

() Em *O Tempo e o Vento*, a referência a eventos e personalidades históricas do Rio Grande do Sul, como Rafael Pinto Bandeira e Júlio de Castilhos, é a característica que configura efetivamente a narrativa como um romance histórico.

() A ideologia humanista do escritor, que deposita na família e em sua continuidade o alicerce permanente da existência, revela-se não nos atos heroicos das personagens masculinas, mas no silêncio e perseverança das personagens femininas.

() Em *O Tempo e o Vento*, Erico Verissimo segue a ideologia ufanista dos escritores de seu tempo, reduzindo o tipo sul-riograndense a uma caricatura do “monarca das coxilhas”, inseparável do seu cavalo e absoluto no desafio a qualquer inimigo.

() Na trilogia há um contraste explícito entre o masculino e o feminino, entre destruição e preservação. Assim, a vida não se resolve nos campos de batalha, onde as guerras engolfam os homens, mas no interior do Sobrado, onde a resistência das mulheres assegura a continuidade dos dias e das coisas.

() A estrutura narrativa de *O Tempo e o Vento* é cíclica. Cabe ao último descendente da família Cambará, a personagem Floriano de *O Arquipélago*, fazer a retrospectiva, examinando e revelando ao

leitor a história de seus ancestrais que, em última análise, é a própria história do Rio Grande do Sul.

A alternativa que completa corretamente a sequência, de cima para baixo, é:

- a) F, F, V, V, F
- b) F, V, F, V, V
- c) F, F, F, V, V
- d) V, F, V, F, V
- e) V, V, F, V, F

Leia o texto a seguir para responder à questão 40:

Sentado em uma cadeira de respaldo alto e lavrado – que achava supinamente incômoda – o Dr. Winter passeava em torno o olhar curioso. Fora o último dos convidados a chegar ao Sobrado e lamentava ter perdido a arenga que Aguinaldo Silva fizera aos presentes para anunciar o contrato de casamento da neta com Bolívar Cambará. A vasta sala de visitas estava muito clara de sol e Carl notou que o reflexo tricolor da bandeirola dumas das janelas tingia a face e o pescoço de Luzia. Uma estigmatizada – fantasiou ele. Achou-a perversamente linda. Ela estava sentada no sofá ao lado do noivo, vestida de crinolina verde, de saia muito rodada com aplicações de renda; tinha cravado nos cabelos dum castanho profundo grande pente em forma de leque, no centro do qual faiscava um brilhante. Winter pensou imediatamente na bela jovem bruxa moura que o diabo, segundo a lenda que corria pela Província, transformara em lagartixa cuja cabeça consistia numa pedra preciosa de brilho ofuscante. Como era mesmo o nome do animal? Ah! Teiniaguá. [...] (VERISSIMO, Erico. *O Continente*. São Paulo: Globo, 2002)

40. O trecho acima foi extraído do capítulo intitulado “A Teiniaguá”, presente na primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*. Cabe à personagem Carl Winter, um estrangeiro de origem europeia, narrar a cena do noivado de Luzia Silva com Bolívar Cambará, filho de Bibiana Terra e do Cap. Rodrigo Cambará, atentando para a beleza da moça. Sabe-se que Erico Verissimo, ao criar a personagem Luzia,

recuperou da literatura rio-grandense a lenda da princesa moura, que seduzia e destruía os homens que dela se aproximassem.

Assinale a alternativa que apresenta o nome do **autor** e a respectiva **obra literária** na qual Erico Verissimo se baseou para a construção da personagem Luzia:

- a) Caldre e Fião – *A divina pastora*
 - b) Darcy Azambuja – *No galpão*
 - c) Simões Lopes Neto – *Contos Gauchescos*
 - d) Cyro Martins – *Porteira fechada*
 - e) Simões Lopes Neto – *Lendas do Sul*
-

The following passage is from the book “*Approaches and Methods in Language Teaching: A description and analysis*”. Read it carefully and answer questions 41 to 43.

5 The language teaching theoreticians and methodologists who developed this methodology not only had a convincing and powerful theory of language to draw upon but they were also working in a period when a prominent school of American psychology – known as behavioral psychology – claimed to have tapped the secrets of all human learning, including language learning. Behaviorism, like structural linguistics, is another antimentalist, empirically based approach to the study of human behavior. To the behaviorist, the human being is an organism capable of a wide repertoire of behaviors. The occurrence of these behaviors is dependent upon three crucial elements in learning: a *stimulus*, which serves to elicit behavior; a *response* triggered by a stimulus; and *reinforcement*, which serves to mark the response as being appropriate (or inappropriate and encourages the repetition (or suppression) of the response in the future (see Skinner 1957; Brown 1980).

30 Reinforcement is a vital element in the learning process, because it

increases the likelihood that the behavior will occur again and eventually become a habit. To apply this theory to language learning is to identify the organism as the foreign language learner, the behavior as verbal language, the response as the learner’s reaction to the stimulus, and the reinforcement as the extrinsic approval and praise of the teacher or fellow students or the intrinsic self-satisfaction of target language use. Language mastery is represented as acquiring a set of appropriate language stimulus-response chains.

The descriptive practices of structural linguists suggested a number of hypotheses about language learning, and hence about language teaching as well. For example, since linguists normally described languages beginning with the phonological level and finishing with the sentence level, it was assumed that this was also the appropriate sequence for learning and teaching. Since speech was now held to be primary and writing secondary, it was assumed that language teaching should focus on mastery of speech and that writing or even written prompts should be withheld until reasonably late in the language learning process. Since the structure is what is important and unique about a language, early practice should focus on mastery of phonological and grammatical structures rather than on mastery of vocabulary.

(RICHARDS, Jack C. & Rodgers, Theodore S. *Approaches and Methods in Language Teaching: A description and analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 50-51)

41. Which of the five language teaching methodologies/approaches bellow is the text about?

- a) The Audiolingual Method
- b) The Oral Approach and Situational Language Teaching

- c) Total Physical Response
- d) The Silent Way
- e) The Natural Approach

42. The verb **tapped** (line 10), may be replaced without any loss of meaning by:

- a) expressed.
- b) obtained.
- c) announced.
- d) controlled.
- e) managed.

43. In the sentence: “*Since speech was now held to be primary and writing secondary, it was assumed that language teaching should focus on mastery of speech and that writing or even written prompts should be withheld until reasonably late in the language learning process.*” (line 58) **since** can be properly replaced by:

- a) once.
- b) because.
- c) for.
- d) as.
- e) although.

The text below describes the Communicative Language Teaching method. Read it and answer questions 44 to 46.

Learning a second language was similarly viewed by proponents of Communicative Language Teaching as acquiring the linguistic means to perform different kinds of functions.

Another theorist frequently cited for his views on the communicative nature of language is Henry Widdowson. In his book *Teaching Language as Communication* (1978), Widdowson presented a view of the relationship between linguistic systems and their communicative values in text and discourse. He focused on the communicative acts underlying the ability to use language for different purposes. A more recent but related analysis of communicative competence is found in Canale and Swain (1980), in which

four dimensions of communicative competence are identified: grammatical competence, sociolinguistic competence, discourse competence, and strategic competence.

25 *Grammatical competence* refers to what Chomsky calls linguistic competence and what Hymes intends by what is “formally possible.” It is the domain of grammatical and lexical capacity. *Sociolinguistic competence* refers to an understanding of the social context in which communication takes place, including role relationships, the shared information of the participants, and the communicative purpose for their interaction.[...] *Strategic competence* refers to the coping strategies that communicators employ to initiate, terminate, maintain, repair, and redirect communication.

(RICHARDS, Jack C. & Rodgers, Theodore S. *Approaches and Methods in Language Teaching: A description and analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 71)

44. According to most of the Communicative Language Teaching method researchers, *Discourse competence* refers to:

- a) the fact that language can be internalized as wholes or chunks, rather than as single lexical items, and, as such, links are possible to more theoretical proposals of this kind, as well as to work on the role of prefabricated patterns in language learning and language use.
- b) the interpretation of individual message elements in terms of their interconnectedness and of how meaning is represented in relationship to the entire discourse or text.
- c) the automatic control of basic structures and sentence patterns which is fundamental to reading and writing skills, and this is achieved through speech work.
- d) the lexicon for both perception and production which is considered critical in the construction and interpretation of messages.
- e) mastering the elements or building blocks of the language and learning the rules by which

these elements are combined, from phoneme to morpheme to word to phrase to sentence.

45. In the Communicative Language Teaching method,

- a) any device which helps the learners is accepted – varying according to their age, interest, etc.
 - b) grammatical explanation is forbidden.
 - c) translation is not used at early levels.
 - d) reading and writing are deferred till speech is mastered.
 - e) the target linguistic system will be learned through the overt teaching of the patterns of the system.
-

46. “A more recent but related analysis of communicative competence is found in Canale and Swain (1980)...” (line 17) The underlined structure is in the passive voice. What sentence is correct about the uses of the passive?

- a) The objects of prepositional verbs cannot become subjects in passive structures.
 - b) Passive structures are possible with both transitive and intransitive verbs.
 - c) Verbs in the passive voice cannot be followed by an indirect object.
 - d) Some sentences have clauses as their objects. These usually become the subjects of passive sentences.
 - e) Longer and heavier expressions often go at the end of a clause, and this can also be a reason for choosing a passive structure.
-

47. As far as the writing process is concerned, it is true to say that:

- 1. teachers should suggest and make available various possible writing strategies, encouraging individuals to experiment and search for one that is personally effective.
- 2. teachers should encourage learners to work through a number of revisions; to accept messy drafts as a positive, even essential, stage in writing.
- 3. teachers should advise learners to worry about spelling and grammar at the beginning, and then to get down their ideas.

- a) 1. False – 2. False – 3. False
 - b) 1. True – 2. False – 3. False
 - c) 1. True – 2. True – 3. False
 - d) 1. True – 2. True – 3. True
 - e) 1. False – 2. False – 3. True
-

48. In his book *A Course in Language Teaching* (1999), Penny Ur affirms that:

- a) lesson changes and improvisations always lead to indiscipline.
 - b) learning will only take place in well-disciplined classes.
 - c) disciplined classes may or may not be quiet; undisciplined ones are usually noisy.
 - d) smooth-running process is the main outward manifestation of discipline in the classroom, as it is in any other organization; and there has not to be cooperation of participants in order to produce this.
 - e) there is not such a quality as charismatic “authority”, and every teacher has to work hard in order to have well-disciplined classes.
-

Questions 49 and 50 are about the passage below.

The function of practice

Practice can be roughly defined as the rehearsal of certain behaviors with the objective of consolidating learning and improving performance. Language learners can benefit from being told, and understanding, facts about the language only up to a point: ultimately, they have to acquire an intuitive, automatized knowledge which will enable ready and fluent comprehension and self-expression. And such knowledge is normally brought about through consolidation of learning through practice. This is true of first language acquisition as well as of second language learning in either “immersion” or formal classroom situations. Language learning has much in common with the learning of other skills, and it may be helpful at this point to think

about what learning a skill entails.

(UR, Penny. *A Course in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 19)

49. What are some of the characteristics of effective language practice?

- a) Attention, understanding, teacher assistance.
- b) Pre-learning, success-orientation, attention.
- c) Pre-learning, understanding, teacher assistance.
- d) Pre-learning, success-orientation, teacher assistance.
- e) Attention, success-orientation, teacher assistance.

50) The pronoun “they” (line 09) refers to:

- a) intuitive, automatized knowledge
- b) facts.
- c) certain behaviors.
- d) consolidating learning and improving performance.
- e) language learners.